



**CARLA EDUARDA DE SOUZA SILVA
EMANUELE SOUSA SILVA**

**CINEMA E EDUCAÇÃO: INTERSECCIONALIDADES E
DIÁLOGOS**

**Lavras – MG
2021**

**CARLA EDUARDA DE SOUZA SILVA
EMANUELE SOUSA SILVA**

CINEMA E EDUCAÇÃO: INTERSECCIONALIDADES E DIÁLOGOS

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

Prof. Dr. Alessandro Garcia Paulino
Orientador

**Lavras-MG
2021**

**CARLA EDUARDA DE SOUZA SILVA
EMANUELE SOUSA SILVA**

CINEMA E EDUCAÇÃO: INTERSECCIONALIDADES E DIÁLOGOS

Monografia apresentada à Universidade Federal de Lavras, como parte das exigências do Curso de Pedagogia, para a obtenção do título de Licenciado.

APROVADA em 11/11/2021
Dr. Alessandro Garcia Paulino
Dr. Livia Monique de Castro Faria
Dr. Fernanda Barbosa Ferrari

Prof. Dr. Alessandro Garcia Paulino
Orientador

**Lavras-MG
2021**

Dedicamos o presente trabalho aos nossos pais e familiares, que foram nosso maior apoio nos momentos difíceis e que fizeram de tudo para que a universidade se tornasse um sonho possível.

AGRADECIMENTOS

Para que continuássemos firmes em nossa jornada e pudéssemos chegar até aqui, foram muitos os que contribuíram ajudaram e nos estenderam a mão, nos dando força e mostrando que éramos capazes de seguirmos em frente com o nosso propósito.

Os primórdios dos agradecimentos são reservados a Deus, que é nossa base e alicerce. Esteve sempre ao nosso lado, nos permitindo ultrapassar todos os obstáculos encontrados ao longo da realização do trabalho, iluminando o nosso caminho e toda a nossa trajetória durante o curso.

Aos familiares, que são o nosso porto seguro, mas, em especial aos nossos pais, por todo o apoio, por nos incentivarem nos momentos difíceis e por não medirem esforços para que pudéssemos concluir a graduação.

Ao nosso orientador, Alessandro Paulino, pela oportunidade, por ter acreditado na possibilidade de realização deste documento, pela paciência, e por estar sempre pronto para auxiliar e sanar todas as nossas dúvidas. Sua ajuda foi preciosa para a concretização desta monografia e não poderíamos ter escolhido alguém melhor.

À Universidade Federal de Lavras (UFLA) e seu corpo docente, pela qualidade e excelência no ensino. Por nos ter dado a oportunidade de conhecer novas pessoas e de construir novas amizades.

Às nossas companheiras e amigas de curso, com as quais convivemos intensamente durante todos esses anos, agradecemos pelo companheirismo, pela troca de experiências, pelo incentivo e por nos ajudar, todos os dias, a superar todas as dificuldades.

Enfim, a todos os que contribuíram, de forma direta ou indireta para a nossa formação, deixamos registrada toda a nossa gratidão.

RESUMO

O presente trabalho realizou um estudo sobre o valor do audiovisual, no contexto educativo, e suas contribuições como ferramenta de aprendizagem em sala de aula. O objetivo voltou-se fundamentalmente para uma análise do uso do cinema como recurso didático-pedagógico na educação, tendo sido utilizada a pesquisa bibliográfica para a realização do trabalho. Os resultados obtidos indicam que a inserção dos recursos audiovisuais às práticas educacionais permite que os estudantes cultivem e desenvolvam melhores competências de leitura crítica, expansão de conhecimentos e saberes para além da sala de aula, contribuindo com a exposição de diferentes pontos de vista, experiências e desenvolvimento de habilidades dos alunos. É evidente que o universo visual vem se incorporando como elemento mais presente no dia a dia da sociedade, tornando necessário utilizar o cinema como recurso didático para apoiar a prática escolar de maneira consciente, de modo que esteja relacionada aos conteúdos escolares.

Palavras-chave: Cinema. Audiovisual. Educação. Tecnologia.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	METODOLOGIA	9
3	REFERENCIAL TEÓRICO	11
3.1	O cinema como artefato de aprendizagem	11
3.2	O cinema em sala de aula	15
3.3	O uso do recurso	20
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	25
	REFERÊNCIAS	27

1 INTRODUÇÃO

Sabemos que o mundo está sempre em constante evolução. Nos dias atuais, é quase impossível não fazer uso das tecnologias e recursos audiovisuais, já que estão cada vez mais inseridas no nosso dia a dia, em vários campos diferentes.

Aparelhos celulares, computadores, tablets e tvs são exemplos de ferramentas que nos auxiliam em vários aspectos. Não seria diferente no contexto educacional, pois tais recursos, utilizados como ferramentas pedagógicas, conseguem auxiliar os professores nas pesquisas, possibilitando que os alunos compreendam melhor determinado assunto.

Nesse sentido, compreendemos o cinema como uma tecnologia que torna possível a mediatização de aprendizagens no contexto da educação formal e não formal.

É incontestável a grande importância do cinema no viés educativo, como, por exemplo, na propagação de ideias, trocas de conhecimento, fatos históricos e entretenimento, bem como importante detonador de reflexões e problematizações diante da narrativa que carrega consigo. Ele se tornou uma importante ferramenta para o desenvolvimento da aprendizagem dos estudantes, proporcionando a eles o processo de experimentações e descobertas, de modo a ampliar as suas capacidades.

Vivemos em um mundo cada vez mais informatizado, onde a inserção do audiovisual no âmbito educacional vem ganhando força. Desse modo, o uso desses componentes visuais em sala de aula permite que os alunos se sintam mais interessados em aprender determinado componente curricular ou assunto.

Entre os diversos recursos didáticos à disposição dos professores, o cinema vem, cada vez mais, ganhando força, sendo apontado como auxiliar no processo educativo, e se mostra como uma excelente ferramenta didático-pedagógica no âmbito escolar. Assim, esse processo educacional proporciona um aprendizado mais atrativo, desde que os vídeos e filmes sejam bem escolhidos pelo/a docente, respeitando a faixa etária e prezando por apresentar um material que contribua para o aprimoramento das aulas e para o crescimento dos/as discentes.

Além disso, por meio de vídeos e filmes o/a discente consegue perceber um diálogo da vida escolar com a realidade que o/a cerca, compreendendo a importância da problematização das imagens frente ao seu contexto histórico-social.

Mediante a esses aspectos sobre o audiovisual lançamos os seguintes questionamentos: qual a importância do cinema no contexto educativo? Como a escola pode incluir filmes como um tema transversal e multidisciplinar? Essas problematizações nos movem na busca de uma

possível resposta, a partir da pesquisa bibliográfica e, nesse tocante, sobre a contribuição dos/as autores/as frente à temática.

A concepção deste trabalho teórico se pauta em uma revisão de literatura que aborda as contribuições do campo do cinema para o contexto educativo. E o nosso objetivo é refletir sobre a implantação do cinema no processo de ensino-aprendizagem, por meio de uma visão multidisciplinar, de modo que aproxime o público estudantil da narrativa audiovisual.

Diante disso, apresentamos uma análise do uso das mídias como recurso didático-pedagógico, por intermédio das interseccionalidades e diálogos possíveis entre o cinema e a educação. Além disso, enfatizamos a importância de se utilizar o cinema em sala de aula, bem como algumas maneiras interessantes de se fazer isso, de modo a extrair todo o potencial artístico da Sétima Arte, que tem, em sua essência, a pluralidade, principalmente pelo fato de ser construída tendo como base diversas áreas de interesse como: literatura, teatro, música etc.

2 METODOLOGIA

Para a realização de uma monografia, pesquisa científica, é necessário que ocorra a definição do tipo de pesquisa que será utilizado e aplicado, para determinar o caminho a se seguir visando ao desenvolvimento dos objetivos do projeto. Partindo desse pressuposto, este estudo tem como metodologia a pesquisa bibliográfica, que, de acordo com Gil (2002, p. 44) “é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos”.

Assim, esta pesquisa tem o papel de fazer um levantamento, por meio de livros, artigos e teses, para que se possa entender os caminhos que já foram abordados acerca do assunto. Além disso, também procura conhecer e analisar conteúdos científicos sobre determinado tema.

Portanto, de acordo com Macedo (1996, p. 13) “a “revisão bibliográfica” ou “revisão de literatura” consiste numa espécie de “varredura” do que existe sobre um assunto e o conhecimento dos autores que tratam desse assunto, a fim de que o estudioso não “reinvente a roda””.

Segundo os autores acima, o objetivo da pesquisa bibliográfica é dar ao pesquisador acesso direto ao material escrito sobre determinado assunto. Não é apenas uma mera repetição do que já foi dito ou escrito, mas sim, uma maneira de examinar o tema sob uma nova abordagem ou método para, desse modo, tirar algumas conclusões inovadoras. A ideia é induzir o contato pessoal com a teoria, por intermédio da leitura, levando o pesquisador a ter a sua própria interpretação.

A pesquisa bibliográfica procura solucionar as hipóteses, publicando referências teóricas, observando, analisando e questionando várias contribuições científicas. Este tipo de levantamento fornece subsídios para o conhecimento pesquisado, o tratamento de temas propostos na literatura científica e os métodos e/ou opiniões.

Para o avanço e o enriquecimento deste documento, foram usadas bibliografias, em sua grande maioria, de autores da área da educação e do cinema. Uma das obras utilizadas foi “*Cinema e Educação*”, de Rosália Duarte. A obra foi lançada no ano de 2002. Trata-se de um livro interessante e bastante útil quando se fala de educação.

A autora parte do pressuposto de que a educação e o cinema são formas de socialização e, no primeiro capítulo de seu livro, ela aponta que o cinema tem relação com a nossa identidade, com aquilo que somos, o que nos faz refletir sobre a importância da linguagem audiovisual em nossa sociedade.

Duarte (2002) reafirma, no quinto capítulo de sua obra, a importância de usar os recursos audiovisuais em sala de aula, não apenas como recurso de apoio didático, mas também na contribuição no processo de ensinar a ver. No mesmo capítulo, ela apresenta ideias e sugestões de filmes, principalmente daqueles de ficção científica, que, segundo ela, têm um significado um pouco mais amplo. Desse modo, a autora reitera a importância da análise de imagens e narrativas cinematográficas.

Ao ler e interpretar esta obra, outras revisões também foram feitas, por meio de livros, artigos científicos e teses, apoiados nas ideias de Duarte (2002) e Napolitano (2003-2009), entre outros.

Apesar de a relação entre educação e cinema, no Brasil, ser um estudo recente, nesta pesquisa, procuramos compreender esse campo de estudo, buscando uma maneira de alinhar as ideias defendidas pelos principais autores e por suas pesquisas.

Por fim, os dados foram colhidos de bases de dados como o Google Acadêmico, por meio do qual exploramos revistas científicas e livros sobre o tema. Toda a pesquisa foi feita de agosto de 2020 a maio de 2021.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

3.1 O cinema como artefato de aprendizagem

Para Ferrés (1996), a existência de elementos audiovisuais nas escolas guarda uma série de possibilidades como, por exemplo, materiais que atraem ou aumentam o interesse dos alunos, estimulando e despertando a curiosidade e motivando-os. O recurso audiovisual proporciona um aprendizado com ludicidade, ampliando as possibilidades de ensino, de forma a contribuir para o desenvolvimento do intelecto do/a discente e a permitir que este/a compreenda e assimile os conteúdos de modo mais aproximado da realidade.

Assim, o audiovisual favorece a compreensão dos conteúdos e, como ferramenta pedagógica, pode ser inserido em sala de aula como uma possibilidade do processo educacional. Nesse sentido, Duarte (2002, p. 17) afirma que “ver filmes é uma prática social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”.

O cinema, como um artefato educacional, pode ser inserido na educação como uma possibilidade de método educativo que tem como finalidade a impressão, o reconhecimento e a interpretação da realidade. (ARAÚJO, 2007). A autora acrescenta, ainda, que, por meio dessa ferramenta, podemos trabalhar o cinema com diversos temas transversais, constituindo a possibilidade do saber, do raciocínio, da imaginação e da integração dos saberes.

Tardif e Lessard (2012, p. 49) apontam que existem diferentes maneiras de ensinar, uma vez que “ensinar é agir na classe e na escola em função da aprendizagem e da socialização dos alunos, atuando sobre sua capacidade de aprender, para educá-los e instruí-los com a ajuda de programas, métodos, livros, exercícios, normas, etc.”.

Pode-se afirmar que, desde quando a televisão se constituiu com um canal de comunicação de massa, ela passou a fazer parte, igualmente, do cotidiano das escolas, estabelecendo a linguagem audiovisual como hábito no cotidiano e no currículo educacional. Desde pinturas, propagandas e filmes infantis clássicos, essa linguagem audiovisual é fascinante e encantadora, pois consegue reunir som, imagem e movimento em um só instante. (BERLE; MURILLO, 2011).

Entretanto, para que a chegada do cinema, como conhecemos atualmente, fosse concretizada, houve muita dedicação e trabalho de alguns estudiosos como: William Dickson (1860-1935), Thomas Edison (1847-1931), Auguste Lumière (1862-1954) e Louis Lumière (1864-1948), que se empenharam, criando aparelhos de registro. Esses aparelhos tinham a

função de captar e projetar imagens em movimento, de modo que, até os filmes atuais, foram utilizados muitos rolos de fotografia.

Outrora, poderíamos dizer que seria extremamente ilusório pensar que aparelhos ou ferramentas fossem capazes de registrar e capturar imagens com movimentos reais. Entretanto, já na atual época, de acordo com Júnior (2015 apud BOZZA, 2016, p. 62): existe “uma ansiedade natural de capturar o instante”. O autor ainda enfatiza que, fazer registros por meio de uma câmera de celular, atualmente, se tornou algo comum e corriqueiro, pois, antes do sujeito apreciar ou aproveitar o momento, ele precisa se auto registrar, por meio de fotos.

Assim, se hoje é possível que a sociedade faça registros, tire fotos e faça vídeos por meio das câmeras de seus smartphones, é graças às invenções tecnológicas realizadas no final do século XIX, quando ocorreu a chegada do cinematógrafo, que foi “o marco inicial da história do cinema”. (RIBARIC, 2015, p. 5).

Um fator importante a ser mencionado, é a criação do cinetoscópio, que foi desenvolvido em 1889, por William Dickson e Thomas Edison. Foi a primeira máquina capaz de capturar imagens em movimentos. Conseqüentemente, a partir dele, foi desenvolvido pelos irmãos Auguste e Louis Lumière, o cinematógrafo, que, de acordo com Silva (2018, p. 40) é um “aparato versátil que reunia três funções em uma: era uma máquina de filmar, de revelar e projetar. Era portátil, relativamente leve e acionado manualmente [...]”. Um aparelho movido a manivela, usado para fazer curta metragens.

Os dois aparelhos tinham ideias semelhantes no que se refere a imagens em movimentos, no entanto, “o cinetoscópio por meio de um visor individual, era uma caixa de imagens para um único espectador, o cinematógrafo proporcionava uma projeção em tela para muitas pessoas, dentro de uma sala escura, ou seja, o cinema nascia como espetáculo coletivo”. (SILVA, 2018, p. 42).

De acordo com Duarte (2002, p. 23) “no Salão indiano do Grand Café, no n.14 do Boulevard des Capucines, em Paris, 33 espectadores assistiram, pasmos, às primeiras projeções de filmes feitos pelos inventores do cinematógrafo – os irmãos Lumière”.

Segundo Cunha e Giordan (2009), em 28 de dezembro de 1895, os irmãos Lumière fizeram a primeira sessão cinematográfica da história, durante a qual foi projetado um curta-metragem que contava com menos de um minuto de duração, denominado *L’arrivée d’un train en gare à la Ciotat*, (a chegada de um trem à estação), que causou espanto nos telespectadores presentes. Há rumores de que, na época, o público entrou em pânico e ficou apavorado, com medo de o trem sair da tela. “Conta-se que as pessoas, assustadas, se abaixavam rapidamente, como se o trem fosse atingi-las” (ROBERTI; ALVARENGA, 2012, p. 4).

O cinema, conhecido como a Sétima Arte, foi considerado uma forte ferramenta educacional, desde o seu surgimento, em 1895. Nos seus primórdios, os filmes se resumiam a documentários e ficções, além de serem feitos apenas com imagens, pois não possuíam sons na época. Com o passar do tempo, o cinema foi modificando, ficando mais avançado, moderno e buscando fazer obras mais reais e próximas da realidade (MIRANDA; COPPOLA; RIGOTTI, 2006).

Nesse sentido, as principais elaborações cinematográficas já estavam famosas como uma grande ferramenta de cultura, reflexão e aprendizado. Assim, a história do cinema marca um veloz e consistente crescimento das linguagens audiovisuais, que trouxeram as mudanças científicas e tecnológicas do final do século XIX.

A partir de uma compreensão da trajetória do cinema, pode-se perceber algumas consequências da linguagem cinematográfica no ambiente educacional e pode-se dizer que a interpretação de um filme é individual, determinada por vários aspectos sociais e que estão relacionados à aprendizagem. Ter um filme predileto e/ou gostar de um determinado gênero, ajuda a criar uma prática social e contribui para a diferenciação social.

Mesmo com a promessa de estabelecer padrões éticos e morais, a escola é, em primeiro lugar, permeada pela interação social, onde o indivíduo vai aprender o convívio com a sociedade, e há regras que são necessárias para se integrar a ela. Desse modo, pode-se afirmar que a prática de ver filmes é uma possibilidade de aprendizagem, além de fazer parte das várias culturas ao redor do mundo. Com o surgimento da televisão essa ideia ficou ainda mais famosa. De acordo com Napolitano (2009, p. 7):

Um filme, como experiência estética e cultural, pode ser visto sob diversos ângulos e chaves de leitura, dialogando, por exemplo, com os repertórios culturais e valores dos espectadores. Sejam documentários ou ficções, os filmes podem ter muitos sentidos e, num primeiro momento, apelam à emoção e à subjetividade.

Desse modo, é essencial, nos dias de hoje, que a escola e os professores ofereçam aos alunos a oportunidade de aprenderem com a linguagem cinematográfica.

[...] o cinema constitui-se em uma matriz social singular de percepção, elaboração e transmissão de saberes e fazeres, possibilitando distintas formas de apreensão, compreensão e representação do mundo. Nesses termos, enquanto uma modalidade integrante do conhecimento humano, o cinema orienta e explica percursos individuais e grupais formados em ambiências em que a imagem em movimento constitui e possibilita aprendizados que passam a compor o estoque de experiências da sociedade. (SILVA, 2010, p. 161).

Duarte (2002) explica que, quando utilizamos os filmes, é possível trabalhar inúmeros conteúdos nas salas de aula, além de contemplar o debate e a reflexão crítica dos alunos nos mais diversos temas. No âmbito escolar, faz-se necessário a adoção de diferentes metodologias para envolver, provocar e despertar interesse dos alunos. Sendo assim, é de grande valia para a educação escolar proporcionar a estes o conhecimento e oportunidades de aprendizagem por meio da linguagem cinematográfica. “Um bom filme é interessantíssimo para introduzir um novo assunto, para despertar curiosidade e a motivação para novos temas. Isto facilita o desejo de pesquisa nos alunos para aprofundar o assunto do vídeo e da matéria”. (NAPOLITANO, 2003, p. 34).

O autor ainda menciona que:

[...] trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte (NAPOLITANO, 2003, p. 11).

De acordo com Duarte (2002, p. 19), “determinadas experiências culturais, associadas à certa maneira de ver filmes, acabam interagindo na produção de saberes, identidades, crenças e visões de mundo de um grande contingente de atores sociais”. Bernardet (2006, p. 80) ainda argumenta que “o ato de ver e assimilar um filme, o público transforma-o, interpreta-o, em função de suas vivências, inquietações, aspirações”.

Conforme Viana, Rosa e Orey (2014), o uso da linguagem cinematográfica ajuda a desenvolver uma compreensão crítica da diversidade social, por meio de novas tecnologias, pois essas ferramentas trazem benefícios para a formação dos alunos. De tal modo que é fundamental que a escola faça o uso de ferramentas de comunicação (como o cinema) em sala de aula, auxiliando no desenvolvimento pedagógico, ajudando os alunos a aprenderem e a compreenderem determinados assuntos.

O cinema, de acordo com Duarte (2002, p. 90), “é um instrumento preciso, por exemplo, para ensinar respeito aos valores, crenças e visões de mundo que orientam as práticas dos diferentes grupos sociais que integram as sociedades complexas”. Além de ser capaz de atuar na formação da identidade dos alunos, de contribuir para o seu desenvolvimento racional e de ampliar novos olhares por meio da exploração de histórias do cotidiano, o que possibilita que estes estudantes façam reflexões acerca das mais variadas temáticas.

A exposição das atuais ferramentas de desenvolvimento em relação à possibilidade de ensino-aprendizagem, é fundamental para a mudança pedagógica e para a adaptação às alterações coletivas, com o objetivo de oferecer uma formação integral à sociedade. Ao ser notado enquanto uma mídia instrutiva, o cinema tem a oportunidade de inserir-se na sala de aula de forma encorajadora, problematizadora e instigante.

A educação, muitas vezes, necessita que os professores se adaptem aos seus alunos. E o cinema vem servir como um artefato cultural, que possibilita uma visão diferenciada do conteúdo apresentado, posto que, como citado acima, aproxima este da realidade.

3.2 O cinema em sala de aula

Oliveira (2019), aponta que, desde o início, o cinema era visto e considerado como uma poderosa potência persuasiva e dominante. Porém, com o passar do tempo, alguns profissionais da educação no Brasil, perceberam que ele poderia contribuir para o campo, pois entenderam que o uso dos filmes influenciava diretamente no comportamento da sociedade.

Na citação abaixo observamos a utilização do cinema com um caráter de incorporação de uma ideia ou comportamento a ser propagado pelo cinema em determinado momento político:

[...] certos da influência que os filmes exerciam sobre o comportamento, começaram a indicar o cinema para auxiliar na educação, na higienização, na divulgação dos valores nacionais e na formação de uma nação, ideais alinhados com a política da Era Vargas, [...] demarcando prontamente o viés didático e instrucional que os filmes deveriam ter. (WALTER, 2015, p. 187).

Entretanto, é comum que os professores denominem como educativos, apenas os filmes em que a temática tem relação direta com os conteúdos e habilidades desenvolvidas no ambiente escolar, sendo importante que considerem intenções formativas e didáticas bem definidas. E esta utilização do filme, para ter em conta apenas um conteúdo curricular, em sua maioria, não leva em consideração “a dimensão estética da obra, o seu valor cultural e o lugar que esta obra ocupa na história do cinema”. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 69). Os autores ainda ponderam que:

[...] se tomamos os filmes apenas como um meio através do qual desejamos ensinar algo, sem levar em conta o valor deles, por si mesmos, estamos olhando através dos filmes e não para eles. Nesse caso, seguimos tomando-

os apenas como “ilustrações luminosas” dos conhecimentos que consideramos válidos, escolarmente. (DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 69).

Segundo Corso (2015), as ferramentas audiovisuais oferecem aos professores apoio na disseminação do conhecimento e na inovação em sala de aula com criatividade e dinamismo. No entanto, apenas fazer uso dos recursos tecnológicos audiovisuais na escola e nas salas de aula, não é o suficiente para garantir a eficiência e a lógica da aprendizagem, pois essas tecnologias podem inserir e extrair recursos de forma interessante nas práticas educacionais, o que pode contribuir positivamente para o processo de ensino-aprendizagem.

Desde 1930, o audiovisual é uma ferramenta para diversos educadores. Conforme compreende Peixoto (1929 apud DUARTE; ALEGRIA, 2008, p. 65):

Pelo cinema os homens podem se comunicar, sem que saibam ler... Basta que vejam. No fundo do Mato Grosso ou de Goiás, uma fita exhibe, mostra, informa, comunica, como se portam as urbanidades polidas de Paris, Nova Iorque, Melbourne ou Rio de Janeiro, como livros, jornais, telegramas, cartas, jamais poderiam fazer. [...] Portanto, sem ênfase, o cinema pode e deve ser a pedagogia dos iletrados, dos analfabetos que apenas sabem ler, dos que sabendo ler não sabem pensar, obrigando as inteligências opacas, lerdas e preguiçosas a se revelarem, numa ginástica para compreender, e para acompanhar, e deduzir, e prolongar a fita que, por certo não tem comparação com nenhum dos outros precários e reduzidos e parciais e rudimentares meios de ensino.

Em 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova mencionava a integração do cinema à educação brasileira, culminando, em 1937, com a criação do Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), que deixou uma grande produção de filmes. Foram mais de 500 (quinhentos) filmes produzidos pelo instituto, acerca dos mais diversos temas e com os mais diversos formatos, juntamente com as criações de Humberto Mauro, incluindo também, ao seu acervo, diversas produções de outros cineastas. (FRANCO, 2010).

Esses filmes tinham como objetivo educar, com o uso de outra ferramenta de comunicação, e aproximar o Brasil da semelhança com outros países, que já utilizavam o audiovisual como uma proposta de aprendizado. Duarte e Alegria (2008) refletem que, entre as décadas de 1920 e 1930, a ideia de usar o cinema como uma maneira de disseminar conhecimentos e formar hábitos e comportamentos de milhões de analfabetos em diferentes regiões do país, atraiu adeptos.

Em contrapartida, no ano de 1960, a ideia do Cinema com um viés educativo, tomou proporções ainda maiores, pois crescia a popularidade dos cineclubes, que divulgavam, pesquisavam e debatiam o cinema, seja de forma estética, cultural, social e/ou política.

De acordo com Servano (2019), um dos principais objetivos dos cineclubes era o de proporcionar a experiência fílmica como uma ferramenta de trabalho e de educação, incentivando o pensamento crítico e compreendendo o cinema como uma arte transformadora.

De acordo com Duarte (2002, p. 80), os cineclubes estabeleceram um cenário privilegiado onde havia a “aprendizagem informal de cinema, de troca de saberes e informações, de leitura e discussão de artigos sobre o autor”.

Podemos dizer que o universo cinematográfico é um espaço privilegiado, visto que este artefato é capaz de produzir sociabilidade, sendo uma prática importante, que atua na formação da sociedade. Consequentemente, a educação deve, então, ser pensada como um processo de socialização, e esse processo é uma peça fundamental e necessária para que os alunos possam desfrutar de outro tipo de linguagem, percebendo que, por diversas vezes, o que assistem, também fazem parte do seu cotidiano, do seu dia a dia.

Desse modo, o cinema é capaz de proporcionar a reeducação da audição, da visão e, principalmente, da nossa realidade. As imagens, trilhas sonoras e cores são o conjunto principal para montar uma linguagem cinematográfica, ampliando esse campo perceptivo. As imagens estimulam a imaginação, revelam desejos e sonhos. “A humanidade aprendeu, desde tempos imemoriais, que contar histórias era uma boa maneira de transmitir conhecimento. O cinema não ficou imune a essa fórmula”. (DUARTE, 2002, p. 63). Por isso é importante usar deste artefato para estimular o aprendizado, com as mais diversas histórias, representadas por imagens e narrativas.

Serrano e Venâncio Filho (1931), acreditam que é possível adquirir conhecimentos por meio da imagem fílmica, mas também alertam quanto à perspectiva de que o cinema pode ser utilizado tanto para o bem quanto para o mal. Eles indicam uma classificação dos dispositivos de projeção, discorrendo acerca de técnicas cinematográficas e enumerando diversos exemplos de colaborações do cinema para a prática educativa. Nesse sentido, a preocupação dos autores em relação ao uso da linguagem cinematográfica como recurso pedagógico, é a sua forte influência, tendo em vista que ela pode ser usada incorretamente.

Os autores também se referem ao poder dos recursos audiovisuais: “com o máximo de intensidade de sensações, prazer dos sentidos e da inteligência, riqueza psicológica incomparável e temível, para o mal e para o bem. E cumpre que seja para o bem”. (SERRANO E VENÂNCIO FILHO, 1931, p. 9).

Assim, o assunto principal da obra é a utilização positiva das imagens, sendo que eles também enfatizam a necessidade de se controlar esse recurso, o qual pode influenciar os

indivíduos de maneira negativa, quando utilizado apenas como uma narrativa fictícia e não como uma grande ferramenta de ensino e aprendizagem.

De acordo com os autores, apesar do grande valor educativo que o cinema possui, a força de suas imagens poderia se tornar temível, podendo levar a concepções submissas da realidade, ou mesmo sob o aspecto da dominação higienista, como observado no governo de Vargas.

Gonçalves (2009), relatou que a nova proposta de escola ativa, implementada no Brasil a partir do ano de 1997, tem como foco principal a formação de professores e melhorias, o aperfeiçoamento da infraestrutura das escolas, além da promessa de uma melhoria na educação por meio da compreensão dos fatos e não apenas pela memorização. A partir disso, o cinema se tornou uma possibilidade na função social pretendida.

Nesse sentido, a educação é um processo cultural que transpõe os limites das escolas, bem como amplia as concepções pedagógicas, e o cinema exige um processo para a compreensão de todas as linguagens apresentadas. Assim, o entendimento do filme passa a ser mais transparente.

Quando um professor escolhe a linguagem cinematográfica como ferramenta de aprendizado, quebra a primeira barreira que separa a comunicação da educação.

Desde junho de 2014, a aquisição de recursos audiovisuais passou a ser obrigatório nas instituições de ensino de educação básica de todo o país. A Lei nº 13.006, de 26 de junho de 2014, acrescenta o inciso 8º ao artigo 26 da Lei nº 9.394, de 20 dezembro de 1996 (BRASIL, 2014), e dispõe que: “a exibição de filmes de produção nacional constituirá componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória por, no mínimo duas horas mensais”.

Assim, ficou estabelecido que deveriam ser dedicadas pelos menos duas horas mensais à exibição de filmes nacionais nas escolas de educação básica, sendo que referida lei foi criada com o intuito de incentivar o acesso à cultura, em razão do grande potencial que o audiovisual tem como recurso pedagógico, sendo possível trabalhar variados temas transversais.

Nos dias de hoje, o audiovisual deixou de ser apenas algo obrigatório nas escolas, passando a ser um componente que se aplica na proposta pedagógica do currículo escolar, tendo em vista que esse recurso pode facilitar as metodologias de ensino e acrescentar fundamento para as discussões e para o conhecimento exposto, além de tornar as aulas menos massificadas e ultrapassadas, ampliando a atuação pedagógica, pois o uso do audiovisual atrai e desperta a atenção do telespectador.

Desse modo, a utilização de filmes é um imprescindível instrumento de motivação para instigar o interesse acerca de determinado assunto e estimular debates em sala de aula. “Em sociedades audiovisuais como a nossa, o domínio dessa linguagem é requisito fundamental para se transitar bem pelos mais diferentes campos sociais”. (DUARTE, 2002, p. 14).

Acontece que, apenas aplicar os filmes nos currículos, sem debates e análises, não é o suficiente, pois é preciso instigar o pensamento crítico. Por este motivo, é de suma importância saber fazer bom uso dos recursos audiovisuais, pois, se tratando de algo voltado para a realidade social, cultural e política do cotidiano, pode contribuir significativamente para a formação educativa.

Todavia, a maior preocupação é a de integrar os recursos audiovisuais nas salas de aulas de maneira consciente e crítica, não permitindo que sejam transformados em mecanismos controladores, ou seja, deve-se ensinar com a tecnologia e não apoiando-se nela.

Como argumentam Trivelato e Silva (2011, p. 49), “como qualquer recurso didático, um filme não tem um fim em si mesmo em termos de potencial transformador, sendo fundamental a mediação do professor”. Nesta direção, o professor precisa preparar uma aula de qualidade aos seus alunos.

Assim, ao fazer uso destes recursos, o docente deve tomar cuidado, pois existem diferentes maneiras de se trabalhar com recursos audiovisuais de forma equivocada, que não acrescentam nenhum valor significativo. Um exemplo, é quando se usa este recurso apenas como forma de preencher a aula quando algum professor não pode comparecer, colocando um filme aleatório para os alunos assistirem sozinhos, sem alguém para induzir a reflexões e questionamentos, de modo que tal atividade não será pedagogicamente proveitosa e se tornará apenas um momento de lazer.

Para os professores que desejam que suas aulas sejam produtivas fazendo uso dos recursos audiovisuais, é preciso que eles saibam determinar as possibilidades de tal uso, sendo fundamental que se sintam à vontade para lidar com esses recursos e que tenham confiança para adicioná-los aos seus componentes curriculares.

Para isso, os docentes não precisam, necessariamente, serem *experts* técnicos, conhecerem e dominarem todos os tipos de recursos digitais ou saberem como usar cada um, mas é importante que saibam o básico das ferramentas que pretendem utilizar em sala de aula, bem como tenham certo conhecimento acerca dos programas que podem ser utilizados como editores de texto e como reprodutores de música e vídeo. (ANTUNES, 2015).

Segundo Napolitano (2003, p. 58) “os professores precisam aprender a usar essa ferramenta importantíssima, revendo sua sensibilidade e sua preparação, para que, de fato o vídeo se torne educativo”.

Dessa forma, o papel do professor é auxiliar seus alunos a selecionarem as informações, separando os conteúdos importantes dos conteúdos irrelevantes; ajudar para que façam ligações entre os demais componentes curriculares e identifiquem quando um conteúdo está sendo manipulado. Resumidamente, os docentes não devem ser apenas detentores das informações, mas mediadores dos conhecimentos.

Nesse sentido, o filme é um formato muito poderoso e criativo, de modo que, nos processos de ensino-aprendizagem, com a linguagem audiovisual, à medida que o aluno exercita o olhar e associa os conceitos existentes nos filmes às suas experiências individuais, os valores vão sendo concretizados e (re) construídos.

Por este motivo, é fundamental trabalhar o cinema em sala de aula, criando um ambiente de aprendizagem confortável, onde os estudantes e professores fiquem à vontade para dialogar, aprender e exercitar o olhar crítico.

Diante dessa perspectiva, se o docente conseguir trabalhar de maneira pedagógica os recursos que têm disponíveis, sua aula, além de se tornar um momento de aprendizagem, se tornará, também, em um momento de lazer, o que é muito importante, pois, dessa forma, enquanto os estudantes se divertem, eles também aprendem.

Assim, aliar aprendizagem e lazer, é uma forma de fazer com que os alunos participem e se interessem pelos conteúdos, de uma forma mais descontraída e divertida.

3.3 O uso do recurso

A ideia de educar por intermédio do cinema é relevante, pois se trata de um artefato extremamente valioso na educação, mais precisamente no ensino-aprendizagem. De acordo com Napolitano (2003), é por meio das imagens em movimento que os alunos aprendem, pois o interesse provocado pelos filmes pode incentivá-los a lerem textos mais complexos, por exemplo. Como afirma Alencar (2007, p. 137):

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a torna mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez.

Como meio de comunicação, o cinema nos mostra uma visão de mundo diferente, ensina, produz sentido e revela a realidade. Além disso, por meio dele é possível chegar-se à uma reflexão acerca de quem podemos ou queremos ser, sendo uma forte e indispensável ferramenta. Assim, através da linguagem cinematográfica, podemos até mesmo visitar e conhecer lugares que nem sequer sabíamos da existência.

O professor e renomado crítico cinematográfico Ismail Xavier afirma que “o cinema que “educa” é o cinema que faz pensar, não só o cinema, mas as mais variadas experiências e questões que coloca em foco. Ou seja, a questão não é “passar conteúdos”, mas provocar a reflexão [...]”. O pesquisador ainda complementa sobre a dimensão educativa do cinema. (MARCELLO, 2008, p. 15).

Assim, utilizar o cinema como recurso pedagógico vai além do uso transversal ou como uma mera metodologia de ensino. No contexto atual, o cinema, além de ser um tipo de linguagem, trabalha na constituição do saber de um professor. De tal modo, o uso do cinema é mais do que uma ferramenta, e exige uma curiosidade e coerência para fazer de seu uso uma experiência única para cada aluno, pois tal recurso pode ser inserido em diferentes contextos, que diferem para cada espectador, tendo em vista que exige um pré-conhecimento sobre o tema abordado em cada filme.

Segundo Napolitano (2003), inserir o cinema na rotina pedagógica dos alunos é importante, pois ele permite reunir conceitos complexos como a estética, a ideologia, o lazer e todo e qualquer valor social. “O filme, na sala de aula, pode, ainda, enriquecer o contato com textos escritos e leituras mais complexas, possibilitando, também, a construção de conhecimentos e a sedimentação cultural de conceitos já convencionalizados”. (SILVA, 2014, p. 366).

Silva e Davi (2012), atentam para o fato de que se deve tomar cuidado para não usar o cinema comercial de forma irregular em sala de aula. Alertam, ainda, que, para que haja certo aproveitamento, o professor necessita ter um olhar crítico e focar o conteúdo do filme no que ele pretende abordar com a classe. Portanto, os autores afirmam que não há dúvidas quanto à importância da utilização de novos mecanismos tecnológicos relacionados a diferentes temas educacionais. Entretanto, além da cautela para a inserção de filmes em sala de aula, é preciso atentar-se para o uso dos recursos tecnológicos de forma material.

Importante ressaltar que as ferramentas tecnológicas de hoje integram várias funções e são cada vez mais apresentadas na forma de miniaturas. Zuchi (2008) exemplifica essas formas ao referir-se a um telefone celular, que pode ser utilizado para ligar, enviar mensagens, tirar

fotos, salvar documentos, agendar compromissos, acessar a internet e, entre outras coisas, ouvir música, assistir um filme. As calculadoras simbólicas também integram recursos relacionados a cálculos numéricos, cálculos simbólicos, tabelas, gráficos, software de geometria, processadores de texto e linguagem de programação.

Nesse sentido, dentre as tecnologias encontradas nas escolas hoje, como televisão multimídia, pendrive e laboratórios de informática, verifica-se que o computador é um grande desafio para muitos professores, pois vai além do conhecimento técnico, tendo em vista que é preciso aprender a utilizá-lo como ferramenta informática educacional.

Souza *et al* (2016), apresentam algumas vantagens do uso das tecnologias no campo educativo, uma vez que a amplitude do conteúdo é um fator a ser destacado, pois existem inúmeras atividades e softwares que podem ser utilizados em sala de aula. Eles são benéficos até mesmo para os professores, para que possam aprender com os recursos e com os alunos. Assim, os professores podem encontrar melhores conteúdos em suas aulas, apresentá-los da melhor maneira possível e preparar e organizar suas aulas de forma mais eficaz.

Em contrapartida, na pesquisa realizada pelos autores, eles também pontuam sobre as dificuldades existentes ao implantar esses recursos digitais em sala de aula. Como o fato da existência de sistemas e materiais que variam de uma escola para outra, e a obsolescência dos computadores e recursos, que acabam por ocupar espaço nas salas quando obsoletos, não tendo nenhuma função na aprendizagem.

No entanto, é impossível negar que, uma das maiores dificuldades em implantar as tecnologias digitais em sala de aula, é a falta de recursos e de investimento por parte do governo, seja ele municipal, estadual ou federal.

Atualmente, existem alguns projetos, criados pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC), que têm como finalidade levar as tecnologias digitais para as escolas públicas, como: o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), que leva computadores, recursos digitais e conteúdos educacionais às escolas; o projeto Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE), que promove o acesso à internet; o ProInfo Integrado, que orienta os educadores quanto ao uso dessas tecnologias; entre outros projetos.

Entretanto, apesar de existirem algumas iniciativas que possibilitam o uso dessas tecnologias nas salas de aulas, a qualidade e a quantidade de recursos ainda não são suficientes, tendo em vista que ocorre uma grande falta de recursos e investimentos em infraestrutura e suporte técnico para que tudo possa funcionar como deveria, da maneira certa.

A realidade de grande parte das escolas, é que estas estão cada vez mais sucateadas. Sucateadas por falta de manutenção de equipamentos, falta de manutenção das salas de aula,

falta de acesso à internet, falta de um técnico especializado, dentre várias outras dificuldades que precisam enfrentar todos os dias. (BITENCOURTE; HINZ; LOPES, 2018).

Portanto, embora os órgãos governamentais forneçam alguns equipamentos, eles não se responsabilizam pela manutenção destes, deixando este trabalho para a comunidade escolar, o que geralmente tende a restringir o acesso dos estudantes ao laboratório e aos equipamentos, para que seja possível evitar o desgaste do material recebido.

Desse modo, a precariedade dos equipamentos existentes é um grande problema, sem contar um fato que colabora para a falta de acesso, que é a baixa disponibilidade de sinal WI-FI.

De acordo com Soffa e Alcântara (2008), para a inserção eficaz dos recursos tecnológicos no ensino, são necessários quatro aspectos imprescindíveis: o computador, o software, o professor e o aluno. Os autores acrescentam que, para implantar esses recursos nas escolas, é importante que estes sejam acompanhados de formação para os professores, para que, assim, eles possam utilizar essas ferramentas de forma responsável e com as potencialidades pedagógicas adequadas.

Atualmente, o que atrai a atenção dos alunos é uso das mídias em sala de aula. É poder unir, de alguma forma, suas atividades de rotina com a tecnologia, tendo o conteúdo em suas mãos de uma maneira bem prática, seja em seus *smartphones*, *tabletes* ou *notebooks*. Porém, “o simples acesso à tecnologia, em si, não é o aspecto mais importante, mas sim, a criação de novos ambientes de aprendizagem e de novas dinâmicas sociais a partir do uso dessas novas ferramentas”. (MORAES, 1997, p. 5).

Entretanto, ter acesso a essas tecnologias nos dias de hoje é algo bem mais simples e acessível do que nos tempos de outrora. Hoje, se tornou bem mais fácil ter acesso a filmes, por exemplo, que são encontrados facilmente em lojas e, principalmente, na internet.

Desse modo, podemos dizer que se tornou mais fácil para aqueles profissionais da educação que têm interesse em inserir essa ferramenta em sala de aula, pois, se o filme contiver um assunto que será bastante utilizado, o professor tem a possibilidade de comprar esse filme em uma loja e usá-lo todas as vezes que achar necessário, ou pode enviar um link de um vídeo ou filme do YouTube para seus alunos.

Antigamente, para termos acesso aos filmes, era necessário ir a uma locadora ou comprar o DVD, dentre outros meios. Hodiernamente, com as plataformas de *streaming*, como a Netflix, Amazon, Disney Plus, e diversos outros, a sociedade consegue ter acesso a uma infinidade de filmes, séries e produções artísticas.

Assim, algumas destas plataformas podem ser utilizadas no contexto educacional, com caráter pedagógico. Além disso, por meio do YouTube ou da Netflix, é possível realizar transmissão de vídeos, filmes, documentários, para uma televisão, por exemplo. Por meio deles, os educadores conseguem transmitir e dar acesso aos seus alunos acerca de variados temas e conteúdos, com diversas abordagens.

Conseqüentemente, devido ao poder que a tecnologia vem exercendo no contexto social e no nosso dia a dia, as discussões acerca da utilização dos recursos audiovisuais na educação vêm, cada vez mais, ganhando certo destaque na atualidade, pois, hoje em dia, os alunos têm acesso a vários dispositivos (celulares, tabletes, notebooks) os quais, inclusive, levam para a sala de aula, o que reforça a importância de os docentes incluírem e aprimorarem essas tecnologias no contexto escolar.

Diante do exposto, é possível relacionar essa discussão com o atual momento que a humanidade está vivendo, considerando os desafios impostos para o enfrentamento do coronavírus (COVID-19), que vem afetando e prejudicando vários setores, como a educação. Dificilmente, nos séculos passados, os serviços de trabalho remoto e de ensino à distância teriam sido tão requisitados.

Com a propagação do vírus, a inserção da tecnologia no cotidiano se tornou uma estratégia valiosa para garantir a manutenção e o acesso aos serviços essenciais, já que a medida principal para a contenção do vírus é o isolamento, ou seja, é restringir o contato físico entre pessoas. E, no que se refere ao contexto escolar, promove a construção de novas possibilidades no processo de ensino e aprendizagem.

Nos dias atuais, existe uma ativa geração de professores/educadores que lecionam as mais diversas matérias, fazendo uso dos recursos audiovisuais na sua prática pedagógica, inserindo atividades de reflexão e prática audiovisual em todos os ciclos e faixas etárias, dentro e fora da sala de aula, no horário regular e no contraturno. Assim, mesmo durante a pandemia, essas ferramentas vêm sendo utilizadas, até como forma de estimular os estudantes na superação desse momento conturbado, a partir de atos criativos.

Sendo assim, as obras cinematográficas são excelentes leituras, pois despertam as reflexões coletivas e individuais acerca da realidade e podem nos levar a quebrar certos padrões. Assim, os professores contribuem, de forma espetacular, em suas críticas pontuais sobre a importância dos diversos modos de ler o mundo. Através do cinema, podemos nos deixar provocar nossas emoções e nos encantar.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em virtude do que foi mencionado, foi realizada uma investigação por meio da pesquisa bibliográfica, com a qual foi possível colher informações e analisar dados.

A partir desta pesquisa, pôde-se realizar algumas reflexões acerca dos benefícios da utilização de recursos cinematográficos em sala de aula, assim como analisar as interseccionalidades e diálogos possíveis entre cinema e educação.

É fato que, a cada dia mais, o mundo vem passando por algumas transformações tecnológicas, e que o uso destes recursos está cada vez mais presente no dia a dia da população.

Dessa forma, é preciso que a escola e os professores façam uso das novas tecnologias, de modo que fiquem mais próximos dos estudantes, transformando o processo de ensino-aprendizagem em algo mais agradável, divertido, atrativo e produtivo.

Trabalhar o cinema em sala de aula é essencial, pois os recursos audiovisuais contam com uma vasta gama de informações que podem ajudar na socialização e conhecimento escolar dos discentes, em tempos e espaços diferentes, proporcionando melhores condições para a aquisição e a construção do conhecimento. São ferramentas valiosas para o processo de ensino e aprendizagem dos alunos, uma vez que eles convivem, diariamente, com aparelhos tecnológicos (smartphones, notebook, tablets etc.), sendo que as informações são processadas em tempo recorde.

No atual momento, percebemos que os professores e profissionais da área precisam, cada vez mais, se desdobrarem para alcançar seus objetivos na construção do conhecimento, o que faz com que a prática do ensino seja um tema bastante discutido.

A teoria e a prática devem caminhar juntas, já que uma complementa a outra. Desse modo, o uso do cinema no contexto escolar, exige do educador certa criatividade e dinamicidade, para que estes meios sejam utilizados da maneira certa, de modo que sejam atrativos, e que a informação transmitida aconteça de maneira prazerosa, com sentido para o discente.

Sendo assim, o/a educador/a necessita retirar do cinema reflexões acerca do conteúdo, de forma que instigue os/as discentes a irem além de fixarem o conteúdo, e estes possam analisar profundamente as informações, pois essa é a chave da utilização desses recursos em aula.

Percebe-se que o cinema se constitui-se como uma forma de linguagem e expressão, sendo uma sugestão válida para levar para a sala de aula, visto que esse recurso permite maior interesse por parte do/a discente. Segundo Morán (1995, p. 28):

O vídeo nos seduz, informa, entretém, projeta em outras realidades (no imaginário) em outros tempos e espaços. O vídeo combina a comunicação sensorial sinestésica, com a audiovisual a intuição com a lógica, o emocional com a razão. Combina, mas começa pelo sensorial, pelo emocional e pelo intuitivo, para atingir posteriormente o racional.

Dessa forma, o cinema em sala de aula aproxima a prática do cotidiano, introduzindo novas questões no processo educacional. Este recurso, como ferramenta didática, contribui para o êxito do processo de ensino-aprendizagem dos estudantes e exige dos docentes uma reformulação de suas práticas pedagógicas, bem como uma análise prévia e detalhada do material a ser exibido.

Assim, a utilização deste recurso permite que o professor não seja apenas um transmissor de informações, mas que seja um mediador, que potencializa e estimula a autonomia do aluno, despertando sua consciência crítica, reflexiva e ativa. De fato, não se trata apenas de uma transmissão de conhecimento, mas de uma aquisição de experiências: conhecimento, emoções, atitudes, sensações (ARROIO; GIORDAN, 2006).

Atualmente, o uso do cinema não é algo que possa ser descartado ou deixado de lado, considerando que a sociedade passa por inúmeras mudanças, principalmente no que diz respeito à tecnologia, pois nossas ações são estruturadas por meio da tecnologia.

Desse modo, quando se utiliza tais recursos, somos modificados por eles. Entretanto, não são todos que estão dispostos a usar os recursos cinematográficos como ferramenta de auxílio pedagógico, alguns não possuem suporte, escolas não recebem equipamentos, estruturas ou treinamento para os educadores.

Cabe à comunidade escolar, compreender, reconhecer e identificar as características específicas de cada uso do cinema em sala de aula, como ferramenta de aprendizagem. Mas, compete ao docente, a tarefa de ressignificar e replanejar as suas práticas, com base nos princípios da promoção da educação cívica, promovendo a formação cidadã, bem como de utilizar ferramentas de produtividade que sejam subsídios necessários para o desenvolvimento de habilidades dos estudantes e que promovam situações reais de aprendizagem, para que possam enfrentar os desafios da sociedade atual e interagir com o mundo, por meio das tecnologias de informação e comunicação.

Além disso, é preciso que a escola disponha dos recursos adequados, que os professores saibam manuseá-los e, o mais importante, que consigam integrá-los às aulas de forma pedagógica, conectados com os conteúdos e objetivos propostos.

REFERÊNCIAS

- ALENCAR, S. E. de P. **O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina história**. 2007. 156 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Educação Brasileira, Núcleo de Educação, Currículo e Ensino, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3477>. Acesso em: 10 out. 2020.
- ANTUNES, K. F. da S. **Os benefícios do uso pedagógico dos recursos audiovisuais em sala de aula, segundo os estudantes do Centro de Ensino Médio 804 do Recanto das Emas**. 2015. 58 f. Monografia (Especialização) - Curso de Coordenação Pedagógica, Escola de Aperfeiçoamento de Profissionais da Educação, Universidade de Brasília, Brasília, 2015. Disponível em: https://bdm.unb.br/bitstream/10483/16909/1/2015_KateFranciscaAntunes_tcc.pdf. Acesso em: 10 out. 2020.
- ARAÚJO, S. A. de. Possibilidades pedagógicas do cinema em sala de aula. **Espaço Acadêmico**, Uberlândia, v. 3, n. 79, p. 1-4, dez. 2007. Mensal. Disponível em: http://www6.enasp.fiocruz.br/visa/files/Texto_Suely%20Ara%C3%BAjo_Possibilidades%20pedag%C3%B3gicas%20do%20cinema%20em%20sala%20de%20aula.pdf. Acesso em: 12 nov. 2020.
- ARROIO, A.; GIORDAN, M. O Vídeo Educativo: aspectos da organização de ensino. **Química Nova na Escola**, São Paulo, v. 1, n. 24, p. 8-11, nov. 2006. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/324759123_O_video_educativo_aspectos_da_organizacao_do_ensino. Acesso em: 19 nov. 2020.
- BERLE, S.; MURILLO, M. V. A linguagem audiovisual como prática escolar. **Linguagem, Tecnologia e Mídia**, Santa Cruz do Sul, v. 36, n. 61, p. 422-439, dez. 2011. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/2141>. Acesso em: 19 nov. 2020.
- BERNARDET, Jean-Claude. **O que é Cinema**. Brasília: Brasiliense, 2006.
- BITENCOURTE, A.; HINZ, V. T.; LOPES, J. L. B. Uma análise do uso das tecnologias móveis digitais em sala de aula no Ensino Médio de uma Escola Pública. **Educar Mais: Revista da Pós-Graduação em Ciências e Tecnologias na Educação**, Visconde da Graça, v. 2, n. 1, p. 1-23, jan. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifsul.edu.br/index.php/educarmais/article/view/1273/995>. Acesso em: 17 fev. 2021.
- BOZZA, T. C. L. **O uso da tecnologia nos tempos atuais: análise de programas de intervenção escolar na prevenção e redução da agressão virtual**. 2016. 261 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2016. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/305317>. Acesso em: 5 fev. 2021.
- BRASIL. **Lei nº 13006, de 26 de junho de 2014**. Acrescenta § 8º ao art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para obrigar a exibição de filmes de produção nacional nas escolas de educação básica. Brasília, DF, 27 jun. 2014. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/113006.htm. Acesso em: 5 fev. 2021.

CORSO, J. **O papel do audiovisual na educação: vídeos de ciências**. 12. 31 f. TCC (Graduação) - Curso de Licenciatura em Ciências Biológicas, Instituto de Biociências, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015. Cap. 2015. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/142120/000989348.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CUNHA, M. B. da; GIORDAN, M. A Imagem da Ciência no Cinema. **Química Nova na Escola**, v. 31, n. 1, p. 9-17, fev. 2009. Disponível em: http://qnesc.sbq.org.br/online/qnesc31_1/03-QS-1508.pdf. Acesso em: 27 mar. 2021.

DUARTE, R. **Cinema & educação: refletindo sobre cinema e educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002. 126 p.

DUARTE, R.; ALEGRIA, J. Formação Estética Audiovisual: um outro olhar para o cinema a partir da educação. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 59-80, jan-jun./2008. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3172/317227051008.pdf>. Acesso em: 12 jun. 2021.

FERRÉS, J. **Vídeo e Educação**. 2. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1996.

FRANCO, M. Hipótese-cinema: múltiplos diálogos. **Revista Contemporânea de Educação**, v. 5, n. 9, p. 8-23, jan. 2010. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/rce/article/view/1597>. acesso em: 17 mar. 2021.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

GONÇALVES, G. B. B. **Programa Escola Ativa: educação do campo e trabalho docente**. 2009. 207 f. Tese (Doutorado) - Curso de Políticas Públicas e Formação Humana, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: http://www.ppfh.com.br/wp-content/uploads/2014/01/T_programa.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

MACEDO, N. D. de. **Iniciação a pesquisa bibliográfica: guia do estudante para a fundamentação do trabalho de pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

MARCELLO, F. de A. Um cinema que educa é um cinema que (nos) faz pensar. Entrevistado: Ismail Xavier. **Educação & Realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 13-20, jun. 2008. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/6683/3996>. Acesso em: 12 maio 2021.

MIRANDA, C. E. A.; COPPOLA, G. D.; RIGOTTI, G. F. A Educação pelo cinema. **Educação e Cinema**, Campinas, 2006. Disponível em: <http://setimaarte.fae.ufmg.br/images/pdf/miranda-cea-educ-cinema1.pdf>. Acesso em: 19 nov. 2020.

MORAES, M. C. **Subsídios para fundamentação do programa nacional de informática na educação**. 1997. Secretaria de Educação à Distância, Ministério de Educação e Cultura. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/me001169.pdf>. Acesso em: 5 abr. 2021.

MORÁN, J. M. O vídeo na sala de aula. **Comunicação e Educação**, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 27-35, abr. 1995. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/comueduc/article/view/36131>. Acesso em: 12 maio 2021.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema em sala de aula**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2003.

NAPOLITANO, M. Cinema: experiência cultural e escolar. In: São Paulo (Estado). **Caderno de cinema do professor**: dois. São Paulo: Secretaria da Educação, 2009. p. 10-31. Disponível em: https://culturaecurriculo.fde.sp.gov.br/administracao/Anexos/Documentos/320090708123643caderno_cinema2_web.pdf. Acesso em: 5 jun. 2021.

OLIVEIRA, T. M. de. **O olhar da criança sobre o mundo através dos filmes de animação**. 2019. 40 f. TCC (Licenciatura) - Curso de Pedagogia, Educação e Sociedade, Instituto Multidisciplinar da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Nova Iguaçu, 2019. Disponível em: <https://cursos.ufrj.br/grad/pedagogiani/files/2020/06/THALITA-MOTTA-MONOGRAFIA-APROVADA.pdf>. Acesso em: 17 abr. 2021.

RIBARIĆ, Marcelo Eduardo. Cinema, entretenimento e o nascimento do filme publicitário. In: Congresso Internacional em Comunicação e Consumo, 2015, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: Comunicón, 2015. p. 1-15. Disponível em: <http://docplayer.com.br/12131281-Cinema-entretenimento-e-o-nascimento-do-filme-publicitario-1.html>. Acesso em: 17 out. 2020.

ROBERTI, A. C. N.; ALVARENGA, N. A relação entre o primeiro cinema e as novas mídias de captação de imagem e produção audiovisual para festivais. In: XVII Congresso de Ciências Da Comunicação na Região Sudeste, 2012, Ouro Preto. **Anais [...]**. Ouro Preto: Intercom, 2012. p. 1-14. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/PAPERS/REGIONAIS/SUDESTE2012/resumos/R33-1136-1.pdf>. Acesso em: 26 nov. 2020.

SERRANO, J.; VENÂNCIO, F. F. **Cinema e educação**. São Paulo: Melhoramentos, 1931.

SERVANO, M. **Cineclubes**: um espaço político, pedagógico e de formação de público. um espaço político, pedagógico e de formação de público. 2019. Instituto de cinema. Disponível em: <https://institutodecinema.com.br/mais/conteudo/cineclubes-um-espaco-politico-pedagogico-e-de-formacao-de-publico->. Acesso em: 5 out. 2020.

SILVA, D. L. da. **Tela de Babel**: historicidade e transições no mercado audiovisual. 2018. 364 f. Tese (Doutorado) - Curso de Comunicação Social, Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 2018. Disponível em: <http://tede.metodista.br/jspui/handle/tede/2119>. Acesso em: 26 abr. 2021.

SILVA, J. A. da. Cinema e educação: o uso de filmes na escola. **Intersaberes**, Campus Garcez, v. 9, n. 18, p. 361-374, dez. 2014. Disponível em: <https://docplayer.com.br/19676262-Cinema-e-educacao-o-uso-de-filmes-na-escola-movies-and-education-the-use-of-films-in-school-cine-y-educacion-el-uso-del-cine-en-la-escuela.html>. Acesso em: 17 jul. 2021.

SILVA, V. A. S. da. **Memória e cultura**: cinema e aprendizado de cineclubistas baianos dos anos 1950. 2010. 169 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Memória: Linguagem e Sociedade, Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, Vitória da Conquista, 2010.

Disponível em: http://www2.uesb.br/ppg/ppgmls/wp-content/uploads/2017/06/Silva_VAS.pdf. Acesso em: 16 jun. 2020.

SILVA, A. P. R. da; DAVI, T. N. O recurso cinematográfico como ferramenta em sala de aula. **Cadernos da FUCAMP**, Uberlândia, v. 11, n. 14, p. 23-36, jan. 2012. Disponível em: <https://www.fucamp.edu.br/editora/index.php/cadernos/article/view/162/195>. Acesso em: 27 mai. 2021.

SOFFA, M. M.; ALCÂNTARA, Paulo Roberto de Carvalho. O uso do software educativo: reflexões da prática docente na sala informatizada. In: XV EDUCERE, 2008, Curitiba. **Anais [...]**. Curitiba: Champagnat, 2008. p. 4922-4934. Disponível em: https://educere.bruc.com.br/arquivo/pdf2008/335_357.pdf. Acesso em: 17 jun. 2021.

SOUZA, D. A. de *et al.* O uso dos recursos tecnológicos nas escolas públicas no município de Bragança Paulista - SP. In: XIV Simpósio de Excelência em Gestão e Tecnologia, 2016, Resende. **Anais [...]**. Resende: SEGET, 2016. p. 1-16. Disponível em: <https://www.aedb.br/seget/arquivos/artigos17/12425102.pdf>. Acesso em: 10 maio 2021.

TARDIF, M.; LESSARD, C. **O trabalho docente**: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2012. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4250818/mod_resource/content/1/O%20trabalho%20docente%20hoje%20-%20elementos%20para%20um%20quadro%20de%20an%C3%A1lise.pdf. Acesso em: 26 abr. 2021.

TRIVELATO, S. F.; SILVA, R. L. F. **Ensino de ciências**. São Paulo: Cengage Learning, 2011.

VIANA, M. da C. V.; ROSA, M.; OREY, D. C. O cinema como uma ferramenta pedagógica na sala de aula: um resgate à diversidade cultural. **Ensino em Re-Vista**, Uberlândia, v. 21, n. 1, p. 137-144, jun. 2014. Semestral. Disponível em: https://www.repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/4787/1/ARTIGO_CinemaFerramentaPedag%C3%B3gica.pdf. Acesso em: 12 mar. 2021.

WALTER, F. O. O lugar do pedagógico nos filmes feitos para crianças. **Pro-Posições**, Campinas, v. 26, n. 3, p. 185-204, dez. 2015. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pp/a/Tqwcs3kF48gDNVsBHM4LX5y/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 27 mar. 2021.

ZUCHI, I. A integração dos ambientes tecnológicos em sala: novas potencialidades e novas formas de trabalho. In: II Simpósio Internacional de Pesquisa em Educação Matemática, 2008, Florianópolis. **Anais [...]**. Florianópolis: SIPEMAT, 2008. p. 1-8. Disponível em: <https://silo.tips/download/a-integraao-dos-ambientes-tecnologicos-em-sala-novas-potencialidades-e-novas-for>. Acesso em: 10 out. 2020.